



EMBLEMATA CALVINISTA: ARTE E RELIGIÃO NA OBRA DE GEORGETTE DE MONTENAY

Gerson Leite de Moraes*

Resumo: O século XVI é um período de grandes transformações. A chamada Reforma Protestante ou, como denominam alguns, as "Reformas Protestantes" (Luterana, Calvinista e Anglicana), pode ser vista como uma série de movimentos que redesenharam a configuração religiosa do continente europeu, quebrando, com isso, a hegemonia papal e colocando um fim no monopólio católico, até então único detentor dos bens de salvação no Ocidente. Mais tarde, esses movimentos plasmaram com sua diversidade as mais variadas expressões religiosas cristãs nos continentes americano, asiático e africano. Não se pode esquecer que esses acontecimentos, juntamente com outros, na esteira do renascimento cultural, são elementos extremamente importantes que assinalaram o início da Época Moderna. O *Cinquecento* (na linguagem dos italianos) é um dos maiores e mais célebres períodos da arte, sendo o século de Leonardo da Vinci e Michelangelo, Rafael e Ticiano, Correggio e Giorgione, Albrecht Dürer e Hans Holbein, e tantos outros que poderiam figurar nessa lista. Contudo, neste trabalho, a atenção será voltada para Georgette de Montenay, uma mulher, artista e religiosa, que, por meio de sua religiosidade, de cunho calvinista, tornou os *emblemata*, ou livros de emblemas, algo de suma importância na relação entre religião e arte.

Palavras-chave: Religião. Arte. Reforma Protestante. Calvinismo. Emblemata.

O PAPEL DAS MULHERES NO INÍCIO DA IDADE MODERNA

Durante muito tempo, foi comum simplesmente omitir o papel das mulheres na história ocidental, mas, felizmente, essa injustiça está sendo reparada, na medida em que um olhar mais atento e menos preconceituoso tenta reconhecê-las e dar-lhes o protagonismo que merecem nos processos históricos. Com a chamada Reforma Protestante não foi diferente; uma passada d'olhos nos livros que trataram do tema e ficará visível a não preocupação em registrar as ações e os feitos das mulheres. Alguns poderiam alegar que elas não mereceram o registro, não sendo protagonistas do seu tempo, contudo, pode-se pensar o oposto, tendo

* Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail:* gerson.moraes@mackenzie.br

em mente que sempre estiveram em posição de destaque, mas o machismo reinante nunca quis dar a elas o espaço merecido. A historiadora Michelle Perrot (2017, p. 197) faz uma denúncia seríssima sobre a exclusão das mulheres na História.

O 'ofício do historiador' é um ofício de homens que escreveram a história do masculino. Os campos que abordam são os de ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou 'mental', ela fala do homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. [...] Assim também – segunda volta da chave – os materiais que esses historiadores utilizam (arquivos diplomáticos ou administrativos, documentos parlamentares, biografias ou publicações periódicas...) são produtos de homens que têm o monopólio do texto e da coisa públicos.

As questões apontadas por Perrot fazem lembrar que a exclusão da mulher do texto do historiador é um sintoma da sociedade falocrata burguesa que, com sua concepção de papéis e uma enorme separação dos sexos, relegou as mulheres a lugares específicos como os manuais de Pedagogia, os livros de cozinha ou de contos recreativos e morais. Mesmo em momentos de maior alcance progressista, o ideal masculino estava no horizonte como referência de dureza e virilidade, basta observar o que diz Walter Benjamin (1892-1940) sobre a relação lésbica de Delfina e Hipólita no clássico *As flores do mal*, de Charles Baudelaire (1821-1867).

A Grécia fornece-lhe a imagem da heroína que lhe parecia digna e capaz de ser transferida para a modernidade. Nomes gregos – Delfina e Hipólita – são dados às figuras femininas num dos maiores e mais famosos poemas de *As Flores do Mal*, dedicado ao amor lésbico. A lésbica é a heroína da modernidade. Nela um ideal erótico de Baudelaire – a mulher que evoca dureza e virilidade – se combina a um ideal histórico – o da grandeza do mundo antigo. Isso torna inconfundível a posição da mulher lésbica em *As Flores do Mal*. Explica como o título de *As lésbicas* esteve por muito tempo destinado a essa obra de Baudelaire (BENJAMIN, 1989, p. 88).

Benjamin (1989) ainda reforça a ideia de que Baudelaire deveria ser lido como um escritor da Antiguidade e, exatamente por isso, era alguém tão especial para a modernidade do século XIX. Também acentua a Antiguidade romana baudelairiana com a exceção de sua fonte grega para a noção de heroína.

O ocultamento das mulheres na produção da História e no registro dos acontecimentos cotidianos e prosaicos revela o enclausuramento delas, impondo enormes desafios para que se possa, na atualidade, chegar até elas e dar o valor que lhes cabe. Claro que elas estavam

no passado fazendo história, mas o entulho que as soterrou começa a ser removido. Alguns estudiosos e estudiosas começaram a perceber a relevância que as mulheres de corte tiveram nesse contexto social, no início da modernidade. Por exemplo, a filósofa Lisa Shapiro tem concentrado esforços reflexivos no papel das mulheres no campo filosófico, especialmente no século XVII, no contexto das sociedades de corte na Europa, com uma atenção especial para a figura da princesa Elizabeth da Boêmia (1596-1662) e sua prática epistolar, principalmente com René Descartes (1596-1650). É importante recapitular aqui a tese de Lisa Shapiro (1999, p. 503) sobre a relação filosófica entre os dois:

E nessa correspondência, Elizabeth assume o papel de uma leitora de Descartes: ela levanta objeções e pede esclarecimentos sobre as afirmações de Descartes, mas parece que não consegue avançar em nenhum programa filosófico. Isto não quer dizer que os comentários de Elizabeth não influenciem Descartes. Pelo contrário, parece-me bastante certo que sim. Em particular, seus desafios levam Descartes a pensar com mais cuidado sobre a união da alma e do corpo, e é a pedido dela que ele se compromete a escrever uma obra sobre as paixões da alma.

Numa troca de correspondências entre Descartes e a princesa Elizabeth, no ano de 1643, percebe-se um diálogo filosófico muito interessante sobre a relação entre alma e corpo.

Na primeira carta (6/16 de maio de 1643), a princesa Elizabeth começa lamentando por não ter tido a oportunidade de encontrar-se pessoalmente com Descartes; fala também de sua vergonha em tratar de alguns assuntos, mas, estimulada por um amigo em comum, o senhor Pollot, encheu-se de coragem e lançou sua dúvida, assim registrada: "[...] me digais como é que a alma do homem (sendo uma mera substância pensante) pode determinar os espíritos do corpo a fazer as ações voluntárias" (CARDOSO; FERREIRA, 2001, p. 29).

Depois de colocar sua dúvida, ela pede a Descartes uma definição de alma mais particular do que aquela apresentada na *Metafísica*, ou seja, da noção de substância, separada da sua ação e do pensamento. Na sequência, ela diz: "Pois, ainda que os suponhamos inseparáveis (o que é, no entanto, difícil de provar no ventre da mãe e nos grandes desfalecimentos), como os atributos de Deus, podemos, considerando-os à parte, adquirir uma ideia mais perfeita dos mesmos" (CARDOSO; FERREIRA, 2001, p. 29). A princesa termina sua carta usando uma metáfora muito comum na Filosofia, que é aquela que associa a reflexão filosófica à medicina, pedindo, inclusive, que ele mantenha segredo desta conversa, apelando para isso ao juramento de Hipócrates.

A segunda carta, de 21 de maio de 1643, traz a resposta de Descartes. Depois de um parágrafo inteiro em que o autor se vale de uma linguagem cordial e respeitosa, ele finalmente entra no questionamento feito pela princesa.

E posso dizer com verdade que a questão que Vossa Alteza propõe me parece ser aquela que mais fundadamente se me pode colocar, no seguimento dos escritos que publiquei. Porquanto, havendo duas coisas na alma das quais depende todo tipo de conhecimento que podemos ter da sua natureza – uma delas é que ela pensa, a outra que, estando unida ao corpo, ela pode agir e padecer com ele –, não disse nada desta última e apliquei-me apenas a elucidar a primeira, dado que o meu designio principal era provar a distinção que existe entre a alma e o corpo; para o que só esta pôde servir e a outra teria sido prejudicial (CARDOSO; FERREIRA, 2001, p. 31).

Na sequência, Descartes tenta explicar como ele concebe a união da alma com o corpo e como ela tem a força de o mover. Ele, então, fala sobre as noções primitivas ou, em outras palavras, sobre as ideias, que, nesse caso, são as ideias inatas.

Em primeiro lugar, considero que há em nós certas noções primitivas, que são como originais, sobre cujo padrão formamos todos os nossos outros conhecimentos. E tais noções são muito poucas; com efeito, a seguir às mais gerais, do ser, do número, da duração, etc., que convêm a tudo que podemos conceber, só temos, para o corpo em particular, a noção de extensão, da qual decorrem as da figura e do movimento; e, para a alma sozinha, temos apenas a do pensamento, na qual estão compreendidas as percepções do entendimento e as inclinações da vontade; finalmente, para a alma e o corpo juntos, só temos a da sua união, da qual depende a força que a alma tem de mover o corpo e o corpo de agir sobre a alma causando seus sentimentos e paixões (CARDOSO; FERREIRA, 2001, p. 32).

Descartes aponta para o fato de que a causa principal dos erros é nos fiarmos nos sentidos. Na sequência, o filósofo tenta justificar o que havia escrito nas *Meditações* (1641) e na *Resposta às sextas objeções*.

Assim, creio que anteriormente confundimos a noção da força com que a alma age sobre o corpo com aquela com que um corpo age sobre um outro; e que atribuímos ambas não à alma, pois ainda não conhecíamos, mas às diversas qualidades dos corpos, como ao peso, ao calor e às outras que imaginávamos serem reais, isto é, terem uma existência distinta da do corpo e, por conseguinte, serem substâncias, embora as tenhamos denominado qualidades (CARDOSO; FERREIRA, 2001, p. 32).

A Física cartesiana será exposta por Descartes para tentar explicar a dúvida de Elizabeth. Na terceira carta, Elizabeth questiona Descartes sobre a explicação dada por ele acerca da questão do peso.

E confesso que me seria mais fácil conceder matéria e extensão à alma do que a capacidade de mover um corpo e de ser movido por ele a um ser imaterial. Efetivamente, se o primeiro se fizesse por informação, seria preciso que os espíritos, que produzem o movimento, fossem inteligentes, o que não concedeis a nada de corpóreo. E, ainda que, nas vossas *Meditações Metafísicas*, mostrareis a possibilidade do segundo, é, porém, muito difícil compreender que uma alma, tal como a descrevestes, depois de ter tido a faculdade e o hábito de bem raciocinar, possa perder tudo isso por via de alguns vapores e que, podendo subsistir sem o corpo e não tendo nada de comum com ele, seja tão dirigida por ele (CARDOSO; FERREIRA, 2001, p. 35).

Essa citação, segundo alguns intérpretes, seria uma filosofia própria de Elizabeth. Na sequência, ela coloca-se novamente na posição de um aprendiz, mas deixa claro que está discordando dele.

Na última carta, Descartes apela novamente às ideias inatas, mas também recorre aos sentidos.

Finalmente, como creio que é muito necessário ter compreendido bem, uma vez na vida, os princípios da metafísica, porque são eles que nos dão o conhecimento de Deus e da nossa alma, creio também que seria muito prejudicial ocupar muitas vezes o entendimento a meditá-los, porque não poderia ocupar-se tão bem das funções da imaginação e dos sentidos; mas o melhor é contentar-se em reter na memória e na crença as conclusões a que se chegou uma vez e, depois, empregar o resto do tempo que se tem para o estudo, nos pensamentos em que o entendimento age com a imaginação e os sentidos (CARDOSO; FERREIRA, 2001, p. 38).

Como se pode perceber, parece que Descartes encerra o assunto apelando para aquilo que chamaríamos mais tarde de argumentos de Teodiceia, sem, contudo, responder efetivamente aos questionamentos de Elizabeth. O diálogo profícuo entre um homem e uma mulher foi decisivo para os rumos da filosofia moderna.

O papel das mulheres na corte é mais fácil de ser inventariado. Poder-se-ia continuar dando exemplos da interlocução dessas mulheres com filósofos, como no caso de Leibniz e a rainha da Prússia, Sophie Charlotte, morta prematuramente aos 36 anos, vítima de uma pneumonia (LACERDA, 2020).

Fazer parte de uma sociedade de corte e possuir títulos nobiliárquicos parece ter sido condição *sine qua non* para que as mulheres pudessem ser ouvidas e praticar algum tipo de diálogo com figuras proeminentes da filosofia ou da ciência. Isso tudo mostra como elas foram subjugadas e colocadas num plano secundário de forma completamente injusta. Um século antes, no contexto conflituoso das Reformas Protestantes do século XVI, outra mulher

também se destacou numa sociedade de corte europeia: trata-se de Georgette de Montenay (1540-1607).

GEORGETTE DE MONTENAY E SUA RELIGIOSIDADE EM FORMA DE ARTE

Figura ainda pouco conhecida pelos contemporâneos deste século, Georgette de Montenay foi definida como uma mulher de corte, pois costumava-se pensar que ela tivesse sido uma dama de companhia de Jeanne d'Albret (1528-1572), a Rainha Protestante de Navarra. Jeanne d'Albret casou-se com Antoine de Bourbon em 1548 e seu filho, Henrique III de Navarra, tornou-se rei da França como Henrique IV, após a morte do último rei Valois em 1589. É dessa linhagem que provém todos os Bourbons da França. Jeanne d'Albret tornou-se uma moralista ferrenha, típica do espírito calvinista que começava a se desenhar no século XVI.

Jeanne d'Albret, desejando colocar Béarn na ordem protestante, expulsou de seu país as prostitutas e os vagabundos. Em outros lugares, elas foram marcadas com o sinal da infâmia: quando em 1567, as tropas huguenotes apreendem Gaillac-en-Albigeois, as mulheres de prostituição foram reunidas no mercado, amarradas, espancadas e tiveram uma orelha amputada (GARRISSON, 1986, p. 136).

Voltando a Montenay, sabe-se mais recentemente ser mais provável que seus vínculos com a corte de Navarra provavelmente não fossem tão próximos, muito embora os *emblemata* sejam dedicados a Jeanne d'Albret. Vale ressaltar que ambas professam a mesma fé calvinista; isso talvez explique a relação de homenagem que as envolve. Numa época de polarização intensa entre a fé católica e a calvinista, é particularmente interessante citar que Montenay foi casada com Guyon de Gout, que permaneceu católico por toda a vida.

Com o florescimento da cultura humanística do Renascimento Cultural, é consagrado o "ocularcentrismo", para usar uma expressão clássica de Stuart Clark, em que as imagens visuais provocavam um grande impacto. É nesse contexto que o gênero literário dos *emblemata* ganhará muita força.

Uma implicação óbvia daí decorrente é que o meio mais efetivo de capturar a atenção das pessoas é apelando, ao mesmo tempo, para seus olhos e ouvidos. A prevalência dessa crença ajuda, por sua vez, a explicar o florescimento imensamente popular, no fim do século XVI, de um novo gênero literário: os *emblemata*, ou livros de emblemas. O principal pioneiro nesse desenvolvimento foi o jurista humanista Andrea Alciato, cuja *Emblemata* apareceu inicialmente em Augsburg em 1531 (SKINNER, 2010, p. 28-29).

Andrea Alciato usou uma técnica que justapunha imagens edificantes e versos que as explicavam.

Andrea Alciato começou a escrever epigramas durante seus estudos - como *praetextatus*, como ele os chamava; os mesmos pertencem à cultura cotidiana humanista. [...] Alciato deve ter desenhado a partir de outras inspirações, além da *Antologia Graeca*, enquanto trabalhava em seus epigramas. [Trata-se] de conexão inovadora de epigramas e imagens (SCHOLZ; WOLKENHAUER, 2018, p. 5).

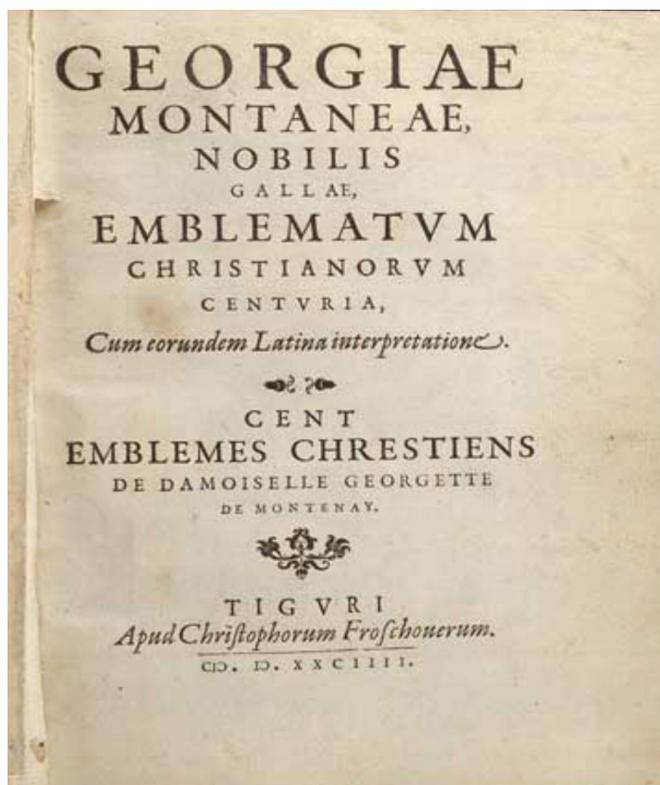
Algumas obras emblemáticas, de orientação cristã, já circulavam na década de 1550, basta lembrar de Claude Paradin (1510-1573), com seu *Devises heroiques* (1551, 1557). No entanto, os emblemas de Montenay trazem algo de singular, pois dão início à exploração sistemática de emblemas para propaganda religiosa. Ela, como filha de seu tempo, usou os instrumentos que estavam à mão para levar adiante seu projeto, que combinava arte e religião. Como disse Heinrich Wölfflin (2015, p. 14), "todo artista tem diante de si determinadas possibilidades visuais, às quais se acha ligado. Nem tudo é possível em todas as épocas".

A época de Montenay era bastante restritiva quanto ao papel da mulher. Mesmo assim, e talvez muito em função das mudanças proporcionadas pelos ventos da Reforma, ela conseguiu deixar sua marca no campo das artes.

Publicada em francês, em 1567, sua obra *Emblemes ou Devises Chrestiennes* - que provavelmente estava em mãos de seu editor, Philippe de Castellas, desde 1561 - é o primeiro livro de emblemas a usar gravuras incisas (de Pierre Woëriot - 1532-1599) em vez de xilogravuras para as imagens. Pode-se afirmar que se trata de um livro que estimula o leitor a reconhecer e frequentemente completar as alusões bíblicas, tanto no campo verbal quanto visual. Há uma polêmica sobre as datas, pois acreditava-se que a obra tinha sido publicada originalmente em 1571, contudo, essa crença foi abalada após uma cópia sua, datada de 1567, ser encontrada na Biblioteca Real de Copenhague.

O fato de ser uma mulher, em pleno século XVI, que acaba produzindo uma obra tão singular chama muito a atenção. *Emblemes ou Devises Chrestiennes* foi traduzida para o latim em 1584, depois para o alemão, o espanhol, o italiano, o inglês e o holandês, no contexto do final do século XVI e primeira parte do XVII. A seguir, uma imagem da obra em latim e francês.

Figura 1 - *Georgette de Montenay's emblematum christianorum centuria / Cent emblemes chrestiens*



Fonte: French emblems art at Glasgow. Disponível em: <https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/bib-desc.php?id=FMOb>. Acesso em: 19 maio 2021.

É necessário lembrar que, no contexto do século XVI, a educação das mulheres ditas protestantes é diferenciada. A noção de vocação era muito forte no seio do protestantismo, desde os dias de Lutero. O conceito *Beruf* para o protestantismo alemão foi de suma importância e acabou se alastrando para os outros segmentos da Reforma. Weber (2004, p. 71-72) assim registra o fato:

Não dá para não notar que já na palavra alemã *Beruf*, e talvez de forma ainda mais nítida no termo inglês *calling*, pelo menos ressoa uma conotação religiosa – a de uma missão dada por Deus – e, quanto mais enfaticamente acentuamos a palavra num caso concreto, mais ela se faz sentir. [...] E assim como o significado da palavra, assim também – como é amplamente sabido – a ideia é nova, e é um produto da Reforma. [...] Uma coisa antes de mais nada era absolutamente nova: a valorização do cumprimento do dever no seio das

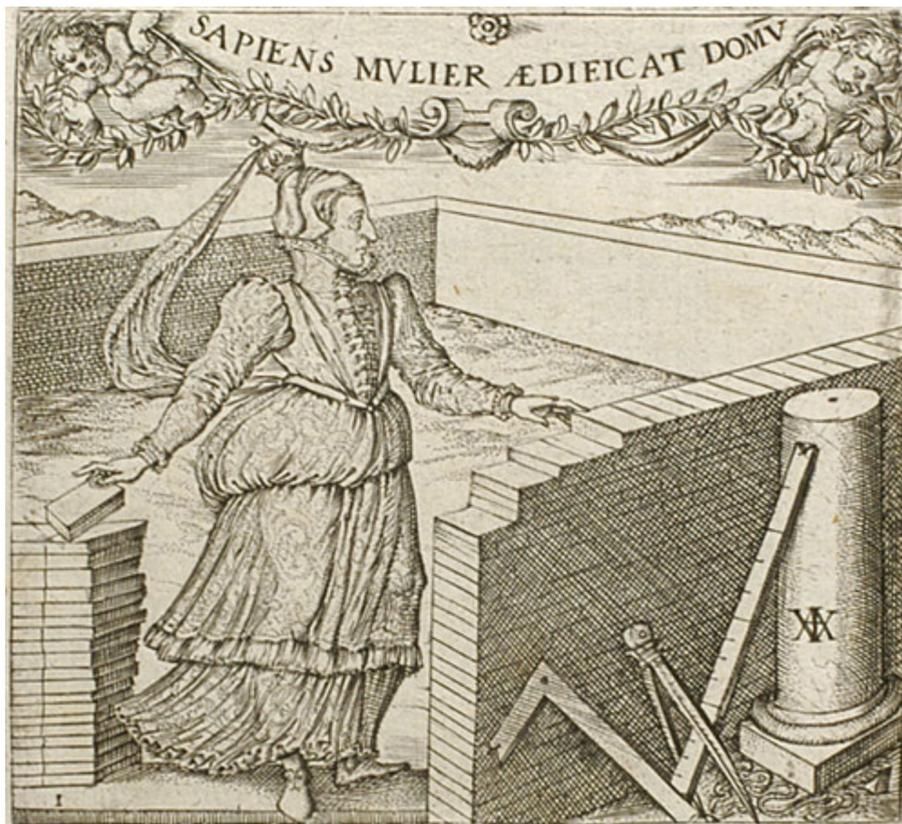
profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral é capaz de assumir. Isso teve por consequência inevitável a representação de uma significação religiosa do trabalho mundano de todo dia e conferiu pela primeira vez ao conceito de *Beruf* esse sentido. No conceito de *Beruf*, portanto, ganha expressão aquele dogma central de todas as denominações protestantes que condena a distinção católica dos imperativos morais em '*praecepta*' e '*consilia*' e reconhece que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua vocação profissional.

A *vocatio* feminina é bem definida no interior do calvinismo francês, do qual Montenay faz parte.

Também pedimos para a mulher ser uma boa esposa, uma boa administradora, uma boa mãe e uma boa educadora. [...] esposa e mãe, as funções femininas quase não mudaram. [...] E em primeiro lugar, para prepará-la para sua tarefa futura, ela é instruída. Globalmente as protestantes, do século XVI, são mais instruídas que suas irmãs católicas do mesmo período. Portanto, se a educação de um ensinamento feminino preocupa as elites protestantes, escolas foram fundadas em Béarn e algumas cidades conquistadas pelos reformados, como Nîmes, La Rochelle, Montauban e outras. [...] Então, elas aprendem as regras da economia doméstica, o cálculo prático, a escrever, a administrar a casa e até mesmo o patrimônio, conhecimentos destinados para melhor assumir o papel de "boa administradora" (GARRISSON, 1986, p. 141-142).

Interessante é notar que várias figuras proeminentes do calvinismo francês defendiam a instrução para as mulheres. Théodore de Bèze (1519-1605), mestre da igreja de Genebra depois da morte de João Calvino, é um deles. Os comentários feitos sobre Provérbios de Salomão, capítulo 31, intitulados "as virtudes da mulher fiel e boa administradora", mostram quão avançada era a concepção da mulher protestante instruída no século XVI (GARRISSON, 1986, p. 142-143). Apesar disso, não se deve ter em mente que a instrução recebida pelas mulheres significa autonomia e independência, pois, como foi apontado, a instrução tem finalidade objetiva, destinada à administração doméstica. Na sequência, temos uma imagem da visão calvinista sobre o papel da mulher sábia que edifica sua casa, transmitida na obra de Montenay.

Figura 2 - *Sapiens mulier aedificat domu* (A mulher sábia edifica a sua casa)



Fonte: French emblems art at Glasgow. Disponível em: <https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/emblem.php?id=FM0b001>. Acesso em: 19 maio 2021.

Alguns dos temas tratados são oriundos de citações bíblicas e tirados da versão latina, conhecida como *Vulgata*, Bíblia esta com a qual Montenay estava, sem dúvida, familiarizada desde sua juventude. O objetivo é didático e espera-se que o leitor esteja familiarizado com essas citações e, de fato, seja capaz de assimilá-las e aplicá-las em sua vida cotidiana. Como já foi mencionado, o responsável pelas imagens é o conhecido gravador Pierre Woëriot e pode-se dizer que elas são mais complexas do que a maioria das xilogravuras do período. O texto principal, escrito em "huitain", usa um itálico elegante e bem espaçado.

1 - Forma de verso francês que consiste em uma estrofe de oito versos com oito ou dez sílabas em cada linha. O formulário foi escrito em três rimas, uma das quais apareceu quatro vezes. Os esquemas de rima típicos eram *ababbcbc* e *abbaacac*. O *huitain* era popular na França no século XV e no início do século XVI com poetas como François Villon e Clément Marot (HUITAIN..., 1999).

Na imagem anterior, intitulada: "Sapiens mulier aedificat domu", os versos são os seguintes:

Veja como esta rainha se esforça
Com todo o coração para avançar o edifício
Do templo sagrado, com toda a sua força
Para abrigar a virtude e expulsar todos os vícios.
Notemos que Deus o torna assim favorável,
Para que seja glorificado nela:
E seja rápido (e ela) para servir
Cuja renda é a vida eterna [= eterna]².

Os papéis de mãe, esposa e administradora do lar são valorizados pela ótica dos propagandistas da Reforma Protestante. Esse tipo ideal de mulher deve praticar uma ascese pessoal no interior da casa, na devoção da criação de filhos, sendo, de fato, uma auxiliadora fiel e dedicada ao seu marido. A lição do emblema de Montenay vai nessa direção, a mulher é rainha da sua casa e é com a sua dedicação e esforço pessoal, abençoados por Deus, que, dia a dia, ela edifica sua casa mediante virtudes e combatendo os vícios que podem trazer a ruína para aquela família. Seu trabalho de educação das futuras gerações deve começar muito cedo, pelo exemplo do aleitamento materno.

Porque a ética protestante se mostra, em relação às mães, muito mais exigente do que as de épocas e civilizações precedentes. Responsabilidade que começa em uma idade muito precoce, pois é altamente desejável que amamentem seus recém-nascidos. [...] Auger Gail- lard aconselha assim as jovens mães '...mas todas as que têm leite, eu acho miserável não dá-lo para seus filhos. Elas recusam seu leite para seus pobres filhos porque querem tê-lo de outras. Elas dirão que perco meu tempo, porque elas têm o direito de bancarem-se tolas às suas próprias custas! [...] Assim, entre as protestantes, a abjeta definição *tota mulier in utero* é desatualizada. A regra de ser mãe começa nos primeiros dias da infância e jamais se encerra (GARRISSON, 1986, p. 146).

Contudo, engana-se quem acredita que as restrições impostas pelo calvinismo dos primeiros tempos cercearam de forma definitiva e confinaram as mulheres desse segmento religioso a um papel secundário. O papel de educar, designado entre as mulheres protestan-

2 - "Voyez comment ceste Reine s'efforce, De coeur non feinct d'avancer l'edifice, Du temple saint, pour de toute sa force, Loger vertu, & deschasser tout vice. Notons que Dieu la rend ainsi propice, Afin qu'il soit glorifié en elle: Et qu'on soit prompt (ainsi qu'elle) au servisse, Dont le loyer est la vie eternal [=éternelle]". Disponível em: <https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/blem.php?id=FM0b001>. Acesso em: 19 maio 2021.

tes durante os séculos seguintes, deu a elas a exata dimensão do espaço que poderiam ocupar na sociedade em que estavam inseridas, por isso é possível falar num feminismo protestante nos séculos XIX e XX. Basta lembrar de nomes como Eugénie Niboyet (1796-1883), neta e esposa de pastor, que criou, em 1833, em Lyon, um jornal feminista chamado *Le Conseiller des Femmes*; fundou também um clube, a *Société de la Voix des Femmes*, onde se discutiam problemas específicos de sexo. Ou, ainda, Sarah Monod (1836-1912), filha do pastor Adolphe Monod, que renunciou ao casamento para dedicar-se à filantropia no cargo de diaconisa. Além disso, Sarah fundou um jornal, chamado *La Femme*. No século XX, o destaque vai para a suíça Clara Ragaz (1874-1957), esposa do pastor calvinista Leonhard Ragaz (1868-1945). Professora, ela atuou em diversos organismos internacionais em favor da causa feminista, como a Liga Internacional das Mulheres para a Paz e Liberdade.

Outro tema muito importante para a tradição protestante, especialmente a reformada, é a questão do trabalho, pois por meio dele se pode vislumbrar a moralidade calvinista daqueles dias. Isso não passou despercebido por Montenay. No emblema a seguir, o versículo do Evangelho de Lucas 9.62 é destacado.

Montenay escreve o seguinte:

Este carroceiro de monstros, para sua capacidade,
Ter seu coração em outro lugar que não seja arar.
Olhe para ele por trás,
Como Ló viu em sua esposa perversa.
Ele tinha tanta coragem,
Quem diz, eu quero, pai, em sua vinha para ir,
E não vai. Veja para que serve
Dos sábios do mundo em sua ocultação³.

Pela imagem, percebe-se que há uma chamada de atenção para aqueles que estão inseridos no Reino de Deus, mas tornam-se relapsos no que tange ao trabalho dentro deste. Colocar a mão no arado e olhar para trás é tornar-se inapto para a grande obra à qual esse fiel foi chamado. Olhar para trás é correr o risco de desviar a atenção do propósito de sua existência, por isso a advertência do texto bíblico é ilustrada pela imagem. A desatenção do carroceiro é reforçada pela rebeldia dos cavalos, que são descritos como monstros que podem colocar toda obra já existente a perder. A intenção de Montenay é fazer brotar da

3 - "Ce charretier monstre, à sa contenance, Avoir le coeur ailleurs qu'au labourage. Le regarder derriere desavance, Comme a veu Lot en sa femme mal-sage. Celuy avoit un semblable courage, Qui dit, Je vueil, pere, en ta vigne aller, Et n'y alla. Voyla quel est l'usage, Du mondain sage en son dissimuler". Disponível em: <https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/emblem.php?id=F-M0b038>. Acesso em: 19 maio 2021.

imagem uma tensão, que deve provocar no leitor uma reflexão sobre suas próprias práticas. Não se trata do trabalho específico dos sacerdotes, mas de uma nova compreensão sobre o trabalho secular, que passa a ser visto como algo inserido na esfera religiosa. Trata-se, então, de uma ética do trabalho na chave intramundana.

Figura 3 – *Non Aptus Est Regno Dei* (Não apto para o Reino de Deus)



Fonte: French emblems art at Glasgow. Disponível em:

<https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/emblem.php?id=FM0b038>. Acesso em: 19 maio 2021.

Vale lembrar que o calvinista típico deste momento histórico enxerga o trabalho como algo essencial para fazer reluzir a glória de Deus. Ele sente-se um vocacionado profissional com uma missão no mundo.

O trabalho social do calvinista no mundo é exclusivamente *in majorem Dei gloriam* {para aumentar a glória de Deus}. Daí por que o trabalho numa profissão que está a serviço da vida intramundana da coletividade também apresenta esse caráter. Nós vimos já em Lutero

a derivação da divisão do trabalho em profissões a partir do 'amor ao próximo'. Mas aquilo que nele não passou do estágio de um ensaio ainda incerto, [de pura construção ideal], nos calvinistas tornou-se parte característica de seu sistema ético. O 'amor ao próximo' – já que só lhe é permitido servir à glória de *Deus* e não à da *criatura* – expressa-se em *primeiro lugar* no cumprimento da missão *vocacional-profissional* imposta pela *lex naturae*, e nisso ele assume um caráter peculiarmente objetivo-*impessoal*: trata-se de um serviço prestado à conformação racional do cosmos social que nos circunda (WEBER, 2004, p. 99, grifos nossos).

Outro tema essencial para Montenay e para os calvinistas em geral é o da idolatria. No emblema intitulado *Idolorum Servitus*, ela traz informações muito interessantes sobre sua visão de mundo e como pretende comunicá-la aos seus leitores.

Figura 4 – *Idolorum Servitus* (Servindo a ídolos)



Fonte: French emblems art at Glasgow. Disponível em:

<https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/picturae.php?id=FMOb071>. Acesso em: 19 maio 2021.

De todo o coração o bezerro de ouro que ela adora
Isso é faminto e fonte de todos os vícios,
Quem das almas e corações humanos devora
Por doces atrações e travessuras sutis.
Agora que idolatria, na verdade, seja avareza,
São Paulo diz: cujo avarento
Do céu não consigo ver a entrada auspiciosa:
Pois seus tesouros cegaram seus olhos⁴.

O texto escolhido é a carta do Apóstolo Paulo aos Efésios 5.5, em que ele afirma: "Sabei, pois, isto: nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus". Apesar de o versículo falar em incontinência e impureza, Montenay reforça a relação da avareza com a idolatria. Pela imagem percebe-se que a mulher está ajoelhada, portanto, prestando reverência e culto a um ídolo que, no caso, é representado pelo bezerro de ouro, famosa imagem de idolatria da confederação tribal, que mais tarde viria a formar o povo de Israel, quando de sua saída do Egito. Essa passagem está registrada no Antigo Testamento, no capítulo 32 do livro de Êxodo. Vale lembrar a observação taxativa sobre o século XVI, segundo a qual, entre "o nascimento e a morte", como dizia Lucien Febvre, "tudo o que o homem realiza, vivendo normalmente entre esses dois limites, estampa a marca da religião" (FEBVRE, 1978, p. 42).

A marca da religião calvinista fica muito evidente em sua guerra iconoclasta, pois os ídolos representam um caminho para a perdição e, mais do que isso, são tomados como elementos e resquícios da velha tradição católica, simbolizada na figura do Papa. Portanto, combater a idolatria por meio das imagens é algo essencial para os calvinistas do início da modernidade e Montenay não foge à regra. A arte que se vale de imagens, nessa perspectiva calvinista, só tem validade se for usada para fins didáticos, apologéticos e conversionistas.

A obsessão no combate à idolatria trouxe severas consequências para o campo artístico. Somente quando se discutem arte e religião no campo protestante do início da modernidade é que geralmente se percebe como a temática da idolatria é algo muito sensível nos séculos XVI e XVII.

Nos países do Norte – Alemanha, Holanda e Inglaterra –, os artistas enfrentaram uma crise muito mais concreta que seus colegas italianos e espanhóis. Se o único desafio enfrentado

4 - "De tout son coeur le veau d'or elle adore, Ceste affamee Et source de tout vice, Qui des humains ames Et coeurs devore, Par doux attraits Et subtile malice. Or qu'idolatrie, au vray, soit avarice, Sainct Paul le dit: dont l'avaricieux. Du ciel ne peut voir l'entree propice: Car ses thresors ont aveuglé ses yeux". Disponível em: <https://www.emblems.arts.gla.ac.uk/french/picturae.php?id=FMO071>. Acesso em: 19 maio 2021.

por esses últimos era como pintar de forma nova e surpreendente, no Norte a questão que despontou foi se a pintura poderia e deveria continuar existindo. A causa dessa grande crise foi a Reforma: muitos protestantes eram contrários à presença de quadros ou estátuas de santos nas igrejas, considerando-os sinais da idolatria papista. Assim, os pintores das regiões protestantes perderam sua maior fonte de renda, a pintura de retábulos. Os calvinistas mais rígidos objetavam até a outros luxos, como uma decoração alegre nas casas; e, mesmo onde estas eram permitidas em teoria, o clima e o estilo das construções em geral não combinavam com grandes afrescos decorativos como os que os nobres italianos mandavam pintar em seus palácios. Tudo o que restava, como fonte regular de renda para os artistas, era a ilustração de livros e a pintura de retratos – e era pouco provável que isso bastasse para sobreviver (GOMBRICH, 2018, p. 283).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de tudo isso, a obra de Montenay sobreviveu com suas características moralistas, apologéticas e conversionistas, aspecto bastante importante para a compreensão de uma relação entre religião e arte. Ela pode ser inserida numa tradição advinda do próprio reformador francês, João Calvino, que, com sua "estética teológica", acabou dando dimensão bastante específica para um tipo de arte que poderia lhe servir como veículo de seus valores religiosos.

Estamos testemunhando em Calvino uma avaliação reversa e, em alguns aspectos, complementar daquela de Lutero. Calvino rejeita a imagem, mas elabora uma estética teológica. Contrariamente ao reformador de Wittenberg, Calvino é marcado por uma cultura humanística e um "espiritualismo" que o incita a ser cauteloso com a imagem como objeto material. [...] Perceber a beleza do mundo e expressá-la por meio de obras belas será uma maneira de louvar a Deus, criador do mundo e redentor da humanidade. O pensamento teológico de Calvino é assim basicamente aberto à estética; mas a extrema desconfiança do Reformador de Genebra em direção às imagens e objetos culturais de sua época o impediu de traduzir mais concretamente esta estética em reais criações artísticas e culturais (COTTIN, 2006, p. 48).

Essa estética teológica é bastante polêmica e passível de ser testada em outros casos e situações, mas, no que concerne à obra de Montenay, parece que, de fato, há uma estética teológica em vigor, pois a arte está a serviço da religião, por meio de uma mulher que entende seu papel e serviço no contexto religioso como algo dado como missão pelo próprio Deus. A arte dos emblemas, na maioria das vezes, é considerada uma arte menor pelos espe-

cialistas, mas cumpre um papel decisivo na cosmovisão reinante no protestantismo europeu, principalmente o de linha calvinista. Há muitos outros emblemas que poderiam ser explorados aqui, mas os que foram escolhidos já servem para dar uma dimensão da importância desse recurso artístico para o universo religioso protestante daqueles dias. A obra de Montenay, ainda pouco conhecida e estudada no Brasil, pode ser um portal para o estudo da relação entre arte e religião no início da modernidade. Com certeza, há muito ainda a ser feito. No artigo em questão, houve uma preocupação em introduzir e analisar alguns aspectos dessa relação. Espera-se que outros trabalhos venham aprofundar essa temática tão profícua.

Calvinist emblem: art and religion in the work of Georgette de Montenay

Abstract: The 16th century is a period of great changes. The so-called Protestant Reformation or as some prefer, the "Protestant Reforms", (Lutheran, Calvinist and Anglican) can be seen as a series of movements that redesigned the religious configuration of the European continent, breaking with this, the papal hegemony, putting an end in the Catholic monopoly, until then the sole holder of salvation goods in the West. These movements, later formed, with their diversity, the most varied Christian religious expressions in the American, Asian and African continents. It cannot be forgotten that these events, along with others, in the wake of the cultural renaissance, are extremely important facts that marked the beginning of the Modern Period. The *Cinquecento* (in the language of the Italians) is one of the greatest and most celebrated periods of art, this is the century of Leonardo Da Vinci and Michelangelo, Rafael and Ticiano, Correggio and Giorgione, Albrecht Dürer and Hans Holbein and so many others that could appear in this list. However, in this work, attention will be entirely focused on Georgette de Montenay, a woman, artist and religious, who through her religiosity, of a Calvinist nature, will make the *emblemata*, or emblem books, something of paramount importance in the relationship between religion and art.

Keywords: Religion. Art. Protestant Reformation. Calvinism. Emblem.

REFERÊNCIAS

ADAM, A.; RAWLES, S.; SAUNDERS, A. *A bibliography of french emblem books*. Geneva: Droz, 1999.

ADAM, A. *Webs of allusion: french protestant emblem books of the sixteenth century*. Geneva: Droz, 2003.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v. 3).

- CARDOSO, A.; FERREIRA, M. L. R. (org.). *Medicina dos afectos: correspondência entre Descartes e a Princesa Elisabeth da Boémia*. Oeiras: Celta, 2001.
- COTTIN, J. Le protestantisme et l'art: une question à reconsidérer. In: GISEL, P. (dir.). *Encyclopédie du protestantisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006. p. 45-51.
- FEBVRE, L. O domínio da religião sobre a vida. In: MOTA, C. G. (org.). *Febvre*. São Paulo: Ática, 1978. p. 37-53.
- GARRISSON, J. *L'homme protestant*. Bruxelles: Editions Complexe, 1986.
- GOMBRICH, E. H. *História da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2018.
- HUITAIN. In: ENCYCLOPAEDIA Britannica. Chicago: Encyclopædia Britannica, Inc., 1999. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/huitain>. Acesso em: 19 maio 2021.
- LACERDA, T. M. A imaginação no diálogo entre Leibniz e Sophie Charlotte. *Revista Cadernos Espinosanos*, São Paulo, n. 43, p. 77-87, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/171656/161602>. Acesso em: 15 maio 2021.
- PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- SCHOLZ, B. F.; WOLKENHAUER, A. (ed.). *Typographorum emblemata: the printer's mark in the context of early modern culture*. Berlin: De Gruyter, 2018.
- SHAPIRO, L. Princess Elizabeth and Descartes: the union of soul and body and the practice of philosophy. *British Journal for the History of Philosophy*, v. 7, n. 3, p. 503-520, 1999.
- SKINNER, Q. *Hobbes e a liberdade republicana*. São Paulo: Unesp, 2010.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WÖLFFLIN, H. *Conceitos fundamentais da História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

Recebido em junho de 2021.

Aprovado em julho de 2021.